

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 12/04/2024

Aceito em: 10/01/2025

Publicado em: 20/01/2025

Trajatórias docentes: múltiplas vozes em um acervo de história pública

Teacher trajectories: multiple voices in a public history archive

Trayectorias docentes: múltiplas voces en un acervo de historia pública

Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto¹
Everardo Paiva de Andrade²

<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe17550>

Resumo: O objetivo deste trabalho é delinear alguns caminhos trilhados entre a construção de um acervo de narrativas públicas de professores e sua constituição na Rede Trajetórias Docentes, refletindo sobre os usos potenciais das autobiografias de professores, em diferentes formatos e linguagens, como estratégia de formação profissional e como fonte para a história da educação, aberta à pesquisa histórica e ao debate acerca da profissão e do trabalho docente. O texto focaliza também a produção de narrativas no contexto do curso *Trajatórias Docentes*, oferecido pela Rede no ano de 2023, voltado a professores em diferentes momentos de vida e carreira. Tais discussões estabelecem diálogos com autores e concepções cruciais para a pesquisa na fronteira entre História e Educação, especialmente António Nóvoa e Ivor F. Goodson, tematizando abordagens em *histórias de vida, teoria e história do currículo e aprendizagem e currículo narrativo*. Também os *círculos de cultura*, presentes na obra de Paulo Freire, bem como suas ressonâncias mais recentes no trabalho de bell hooks, sobretudo em torno da noção de *comunidades de aprendizagem*, fazem parte do escopo do texto. Por fim, a partir das contribuições de Ricardo Santhiago e Juniele Rabêlo de Almeida, aborda algumas conexões entre história pública, ensino de história e educação. A síntese deste percurso traz à tona a fecundidade do diálogo circular entre memórias de professoras e professores e seus usos na formação docente, inicial e continuada, como fonte de pesquisa histórica, na perspectiva de uma aprendizagem narrativa da profissão.

Palavras-chave: Rede Trajetórias Docentes. Histórias de vida. Narrativas autobiográficas. Aprendizagem narrativa. História pública.

¹ Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2481333551162411>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8998-2343>. Contato: alinydayany@gmail.com

² Doutorado em Educação. Universidade Federal Fluminense. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4075651020233989>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0157-5650>. Contato: everardoandrade@id.uff.br

Abstract: This paper aims to outline some paths in the construction of an archive of public narratives of teachers and its constitution in the Rede Trajetórias Docentes, reflecting on the potential uses of teachers' autobiographies, in different formats and languages, as a strategy for professional education and as a source for the history of education, open to historical research and debate about the profession and teaching work. The text also focuses on the production of narratives in the context of the *Trajétórias Docentes* course, offered by the Rede in the year 2023, aimed at teachers at different stages of life and career. Such discussions establish dialogues with authors and crucial conceptions for research in the frontier between History and Education, especially António Nóvoa and Ivor F. Goodson, thematizing approaches in *life histories, curriculum theory and history, and narrative learning and curriculum*. Also, the *culture circles*, present in the work of Paulo Freire, as well as their more recent resonances in the work of bell hooks, especially around the notion of learning communities, are part of the text's scope. Finally, drawing from the contributions of Ricardo Santhiago and Juniele Rabêlo de Almeida, it addresses some connections between public history, history teaching, and education. The synthesis of this journey brings to light the fecundity of the circular dialogue between the memories of teachers and their uses in initial and continuing teacher education, as a source for historical research, from the perspective of a narrative learning of the profession.

Keywords: Rede Trajetórias Docentes. Life histories. Autobiographical narratives. Narrative learning. Public history.

Resumen: El objetivo de este trabajo es diseñar algunos caminos tomados entre la construcción de un acervo de narrativas públicas de profesores y su constitución en la Rede Trajetórias Docentes (Red Trayectorias Docentes), reflexionando sobre los usos latentes de las autobiografías de profesores, en diferentes formatos y lenguajes, como estrategia de formación profesional y como fuente para la historia de la educación, abierta a la investigación histórica y a la discusión acerca de la profesión y del trabajo docente. El texto enfoca también la producción de narrativas en el entorno del curso *Trayectorias Docentes*, ofrecido por la Red en el año de 2023, dirigido a profesores en diferentes momentos de vida y carrera. Tales discusiones establecen diálogos con autores y concepciones cruciales para la investigación en la frontera entre Historia y Educación, específicamente António Nóvoa y Ivor F. Goodson, enfoques de tematización en *histórias de vida, teoria e história do currículo e aprendizagem e currículo narrativo* (historias de vida, teoría e historia del currículo y aprendizaje y currículo narrativo). También los *Círculos de cultura*, presentes en la obra de Paulo Freire, tal cual sus reverberaciones más recientes en el trabajo de Bell Hooks, sobre todo alrededor de la noción de *comunidades de aprendizagem* (comunidades de aprendizaje), hacen parte del alcance del texto. Finalmente, desde las contribuciones de Ricardo Santhiago y Juniele Rabêlo de Almeida, trata algunas conexiones entre historia pública, enseñanza de historia y educación. La síntesis de esta ruta saca a la luz la fecundidad del diálogo circular entre memorias de profesoras y profesores y sus usos en la formación docente, inicial y continuada, como fuente de investigación, en la perspectiva de un aprendizaje narrativo de la profesión.

Palabras clave: Red trayectorias docentes. Historias de vida. Narrativas autobiográficas. Aprendizaje narrativo. Historia pública.

1 APRESENTAÇÃO

Acho que cada fala de um aluno meu, cada pergunta, cada comentário é um aprendizado para mim e tudo isso começou há muito, muito tempo atrás...

Nadson dos Santos (2021)

Com quantas memórias se forma um professor? Quantas e quais camadas de tempo se sobrepõem na configuração de uma trajetória docente? As experiências acumuladas e entretecidas (Larrosa, 2016) ao longo de décadas de magistério, as diversas relações constituídas na vida e na escola, as influências familiares e os longos



anos vivendo na escola como estudante, os contextos e as mudanças sócio-históricas no horizonte de uma existência, entre tantas outras dimensões do vivido, para além dos conhecimentos produzidos e apropriados em um ambiente universitário de formação, afetam direta e poderosamente, por certo, tanto *quem é* quanto *como aprende e trabalha* um professor (Nóvoa, 2012), particularmente um professor de História.

Para entender quem são aqueles que lidam diariamente com os desafios da docência (em História) no Brasil – ou mesmo para entender a escola e a educação brasileira –, é indispensável reconhecer o protagonismo dos professores e ouvir o que eles têm a dizer. O que contam, afinal, os professores brasileiros sobre suas experiências? Como se formaram e ainda se formam e como vivenciam suas rotinas dentro e fora das escolas? Como compreendem e avaliam os processos históricos mais gerais em que se acham enredados? E os aposentados, como olham para suas histórias e descrevem as curvas e os desvios em suas caminhadas? Compreender o que pensam e sentem possibilita compreender, também, como a educação e a vida escolar vêm se constituindo ao longo do tempo, permitindo pensar sobre identidades docentes que vão se configurando em diferentes contextos e sob variadas condições de trabalho.

Mais do que dados precisos, as memórias docentes trazem à tona visões e versões, dando conta do que é vivido e sentido, apresentando perspectivas e pluralidades, visibilizam contradições e conflitos. Para melhor entender a história da educação brasileira e a cultura escolar (Julia, 2001) que atravessa as instituições de ensino, ou mesmo para conhecer os saberes desenvolvidos pelas experiências docentes, é fundamental assegurar espaço para que as histórias de vida e carreira – ou, como prefere Ivor F. Goodson (2022), as *estórias de vida e carreira*, em um sentido mais idiossincrático, talvez – dos professores possam se expressar em primeira pessoa. Tais narrativas, embora num primeiro momento pareçam tratar apenas da ordem das memórias individuais, quando articuladas aos contextos sócio-históricos em que os narradores estiveram inseridos, mediante a pesquisa colaborativa e o cruzamento com outras fontes, permitem perceber as marcas das memórias coletivas (Halbwachs, 2017), bem como o nexu entre o enredo narrado e os roteiros sociais mais amplos (Goodson, 2022).

De fato, as memórias docentes trazem em si aquilo que é comum a diversos professores de uma mesma geração, de um mesmo grupo ou de uma mesma região. Dimensões micro e macro, o particular e o geral, o singular e o plural se entrelaçam, dividindo espaços e constituindo um todo complexo, característico das *vidas de professores* (Nóvoa, 1992) e dos *saberes docentes* (Tardif, 2002). Para que se



manifestem e venham à tona como um conjunto complexo de saberes elaborados pelos professores, porém, é necessário constituir um espaço de escuta e colaboração, como possibilidade aberta para que os professores assumam esse protagonismo e ensinem, como o narrador à beira da fogueira trazendo os relatos de suas viagens distantes, ou numa roda de trabalho manual, contando sobre sua lida, há anos, na mesma terra (Benjamin, 2012, p. 215). Ao falar de si, o narrador elabora interpretações sobre o vivido, tece novos olhares, aguça sentidos, forma a si mesmo enquanto fala ou escreve e contribui para formar o outro, aquele que o escuta ou lê e imagina. Nesse movimento da fala e da escuta, o narrador afeta também aquele que está à sua volta, já que ele “conta da experiência: de sua própria existência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 2012, p. 217).

Ao afetar o outro, o narrador (e o professor como narrador) também possibilita que ele reflita sobre si mesmo, pense sobre o que fez e o que ainda almeja fazer, estabelecendo uma via de mão dupla, como aquela destacada por Portelli (2016) ao tratar da história oral. Ao se colocar diante do outro e lançar um olhar para dentro de si, o ouvinte também elabora e se forma em concomitância. Assim, quando os professores, em diferentes momentos de suas vidas e carreiras, são provocados a partilhar narrativas, a troca e o caráter formativo alcançam todos os envolvidos na sessão. Ciente, pois, do potencial das histórias de vida, tanto como fontes históricas quanto como dispositivo de formação inicial e continuada de professores, o presente trabalho traz à baila os caminhos trilhados para a construção e ampliação de um acervo de memórias docentes, ao discutir algumas possibilidades de uso desses materiais. Traz, também, o percurso de seu desdobramento na Rede Trajetórias Docentes, culminando na realização de um curso de formação inicial e continuada de professores. Quem sabe essa estratégia anime outros pesquisadores que também atuam com memórias docentes a pensar a gestão de seus acervos, para além de suas próprias pesquisas, permitindo-se uma reflexão sobre sua potencial dimensão pública, o que contribui para ampliar o alcance dessas narrativas e acaba por colaborar com a circularidade de experiências, pressuposto fundante da Rede Trajetórias Docentes.

O trabalho está organizado em três sessões, cujos objetivos são, respectivamente: a) apresentar o percurso de construção do acervo Trajetórias Docentes no LABHOI-UFF (Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense), bem como sua ampliação para um trabalho em Rede, com destaque para sua preocupação com a história pública, a autoridade compartilhada e o acesso às memórias docentes; b) discutir os dados relativos ao acervo e aos tipos de fontes que o constituem; c) refletir sobre os



usos dessas fontes para a formação de outros professores, evidenciando a possibilidade de promover espaços autoformativos, com diferentes perfis docentes, e em uma configuração circular, a partir da experiência com o curso Trajetórias Docentes, por meio da mobilização dos conceitos de círculo de cultura e de comunidades de aprendizagem, de Paulo Freire e bell hooks, respectivamente.

Do ponto de vista metodológico, essa discussão ensejou a necessidade de levantamento de dados referentes ao acervo Trajetórias Docentes, no que se refere à sua história, mas, também, do ponto de vista quantitativo, de tabulação dos dados em relação às fontes que o constituem. Feito isso, foi preciso, ainda, considerar os tipos de materiais que o compõem e traçar breves caracterizações. Por fim, o texto traz a partilha de uma vivência com narrativas docentes para a formação de professores, construída a partir do curso Trajetórias Docentes.

2 O PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DA REDE TRAJETÓRIAS DOCENTES: UMA EXPERIÊNCIA EM HISTÓRIA PÚBLICA

Ao decidir ir ao encontro das narrativas de professores, é possível notar a multiplicidade de sentimentos que permeiam o início da docência. Muitas vezes, a sensação de isolamento diante de seus pares não é incomum. A repetição de padrões considerados “tradicionais” ou excessivamente “conservadores” também se faz presente, expressos nas falas de professores em formação inicial e de outros já na ativa há mais tempo, ou de aposentados – quando convidados a rememorar suas trajetórias e escolhas. Além disso, os sentimentos de autocobrança e a busca pelos prontos acertos também aparecem em expressiva medida nas experiências de interlocução vivenciadas por esses autores.

Muitas vezes, os coletivos do cotidiano escolar ou mesmo a formação inicial carecem de espaços para a partilha das vidas dos professores ali presentes. Faltam, por vezes, oportunidades para se debruçar sobre a complexidade, a diversidade e a heterogeneidade dos chamados saberes docentes (Tardif, 2002), compreendendo mais amplamente o quanto eles podem ser aprendidos ou construídos ao lançar olhares sobre si mesmo e seus pares, sobre suas vidas e as dos companheiros na lida de todo dia. De todo modo, ao considerar que as narrativas transportam experiências, pode-se afirmar que as experiências ou o saber experiencial, a que se refere Maurice Tardif, possuem uma natureza narrativa. É nesse sentido, então, que se pode afirmar que as narrativas



das histórias de vida docentes podem ocupar parte desses espaços, principalmente se consideradas em sua lógica auto-coletiva-formativa.

Ao discutir o conceito de aprendizagem narrativa, o historiador e também professor Ivor F. Goodson destaca uma série de ganhos individuais e coletivos e propõe que o próprio currículo escolar como prescrição, mas sobretudo como prática, isto é, como uma construção social, seja pensado e desenvolvido em termos narrativos. No que diz respeito ao engajamento, por exemplo, Ivor Goodson (2019, p. 109) afirma que

seres humanos constroem significado por meio da narrativa. O senso que temos de nós mesmos é incorporado às histórias que contamos e recontamos. Quando a história de vida de uma pessoa está em foco e o processo e o conteúdo de aprendizagem se conectam, eles produzirão significado e se engajarão. Sem engajamento, haverá pouca aprendizagem, e, sem um senso de si, haverá pouco engajamento.

Cientes do potencial formativo das noções de *aprendizagem narrativa* e de *currículo narrativo*, após décadas de docência e participação na formação inicial e continuada de professores no Rio de Janeiro, em 2017, alguns professores deram início à construção de um acervo com memórias docentes. Naquele início, o acervo Trajetórias Docentes foi composto a partir das narrativas autobiográficas de docentes de História, na Educação Básica, que se achavam mais próximos do trabalho de formação em um curso de licenciatura, sob a forma de memoriais e entrevistas públicas. Professores inscritos no Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) ou supervisores vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), entre outros, mas também licenciandos em formação inicial, vinculados ou não ao PIBID, foram convidados a narrar e compartilhar suas próprias trajetórias com os coletivos de seus grupos e de suas turmas. O investimento partia do pressuposto de que, ao narrar sobre si e escutar atenta e afetivamente os outros, todos pudessem aprender algo acerca do trabalho no magistério e dos saberes docentes, pelo envolvimento em uma rede de apoio e em um circuito coletivo de autoformação.

Fruto dessa experiência, mas cuidando ao mesmo tempo da atenção com as fontes – sua guarda, preservação e compartilhamento público –, nasceu o acervo Trajetórias Docentes, vinculado ao Laboratório de História Oral e Imagem da UFF (LABHOI/UFF). Construído de modo colaborativo e tendo como princípio a prática da história pública (Santhiago, 2016) em um regime de autoridade compartilhada (Frisch, 2016), o acervo vislumbrava escutar as vozes docentes e considerá-las, inclusive, para melhor entender e



provocar os rumos da Educação Básica pela via da formação inicial e continuada de professores.

Aquele era, de fato, um contexto nacional e global bastante tenso e difícil, de avanços fundamentalistas, conservadores e neoliberais (Apple, 2011) generalizados. No Brasil, a conjuntura que se seguiu ao golpe de 2016 impactava fortemente o cenário da educação, tornando hostis alguns ambientes escolares, sobretudo por incentivar a violência e favorecer a denúncia e a criminalização dos professores. Em todos os sentidos, era preciso, senão avançar na conquista de direitos e de outros futuros possíveis, ao menos resistir em todas as frentes onde isso fosse possível. Circulava entre professores e estudantes, recém lançado no Brasil, o livro de Jacques Rancière (2014), sugerindo uma concepção contingente de democracia segundo a qual importava localizá-la nas nossas lutas e partilhas de todo dia, nos nossos atos singulares e precários, sempre e quando procuramos estabelecer um conjunto de relações igualitárias. Nesse sentido, o enfrentamento ao *consenso oligárquico* passava por um arco de resistências em várias frentes: da vanguarda do confronto às ações cotidianas no trabalho e na família, ao politizar as relações pessoais e incluir uma resistência na própria biografia, preservando uma narrativa de vida.

Pouco a pouco, o *corpus* de fontes do acervo crescia e se consolidava, contribuindo para a formação de professores no Rio de Janeiro e para além dele, já que todo o material também passou a ser disponibilizado em um canal no YouTube. Enquanto as iniciativas no Rio de Janeiro caminhavam, outras foram brotando em outros rios: o Rio Grande do Norte, por exemplo. Em 2021, em meio ao contexto da pandemia, uma professora começou a gravar entrevistas de história oral com professores daquele estado. A intenção era construir um acervo audiovisual, a partir da consideração das entrevistas enquanto fontes históricas para pensar as memórias do ensino de História no estado, mas também enquanto material fundamental para a formação docente inicial, já que seria utilizado nos estágios supervisionados da Licenciatura em História. Ao tomar conhecimento do movimento já realizado na UFF, a professora estabeleceu diálogo com os professores do Rio de Janeiro, no final de 2021, dando início a uma parceria que logo germinaria nos meses seguintes: a Rede Trajetórias Docentes.

A Rede começou a dar seus primeiros passos ainda em 2022, por ocasião da parceria firmada entre a UFF e a UFRN, formalizada, inicialmente, como um projeto de extensão e logo em uma pesquisa de pós-doutorado. Desde então, passos foram dados na direção de aproximar professores, pesquisadores e estudantes que trabalham com as narrativas autobiográficas de professores em diferentes formatos e percursos



metodológicos. No item seguinte, a diversidade de fontes que compõem o acervo será apresentada e discutida com maior detalhamento, mas, desde o início, a parceria alimentava a pretensão de não restringir o acervo a um ou outro formato de narrativas. Isso porque, em sua própria natureza, e talvez em sua essência, narrativas autobiográficas versam sobre aquilo que os professores desejam tornar público, seja qual fosse a linguagem e a abordagem metodológica utilizada.

Ainda em 2022, realizou-se o primeiro simpósio “História oral e narrativas de professores”, durante o XVI Encontro Nacional de História Oral. Na oportunidade, algumas dezenas de trabalhos (entre pôsteres e comunicações orais) foram apresentadas, e contou-se com a presença de instituições e pesquisadores de diversos estados do Brasil. Ali foi possível estabelecer diálogos entre trabalhos desenvolvidos não somente no âmbito da História, mas também da Pedagogia e da Educação Física, por exemplo. Uma pluralidade de abordagens e procedimentos foi sendo identificada e discutida nos trabalhos durante o evento. Na ocasião, firmou-se um entendimento acerca da importância de se manter a continuidade do simpósio em eventos seguintes, o que permitiu a aproximação e compartilhamento iniciativas diversas com narrativas autobiográficas, entendidas ali de maneira mais ampliada (Abrahão, 2004), e não apenas restrita a produções escritas.

Após o evento, novos contatos e vínculos foram se estabelecendo e se estreitando entre alguns dos pesquisadores envolvidos. Em 2023, a Rede foi cadastrada junto ao diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Sua existência, por conseguinte, foi formalizada e agregou pares que se dispusessem a dialogar e contribuir por meio, também, da partilha de seus acervos com narrativas. Paulatinamente, em ritmo não uniforme, o acervo de narrativas e a Rede Trajetórias Docentes vão sendo ampliados, bem como os estudos a partir dos materiais disponíveis ou outros que, inspirados nele, criam seus próprios materiais. No intuito de adensar as reflexões sobre as memórias docentes expressas em narrativas autobiográficas, a Rede ofertou seu primeiro curso de formação, em maio de 2023, com nova edição já prevista para o próximo ano, extraindo alguns desdobramentos dessa primeira edição. Além disso, um encontro virtual entre pesquisadores vem sendo planejado pelos seus integrantes.

Desse modo, a Rede avança para assegurar a construção e a manutenção de espaços coletivos, colaborativos e de ampla participação para trazer visibilidade e escuta às narrativas docentes. Nesse contexto, busca melhor compreender não só o passado (individual e coletivo) da profissão docente, como também semear outras possibilidades



de futuro no cenário sócio-histórico e educacional brasileiro. Para tanto, é preciso ressaltar, evocando mais uma vez as premissas de Ivor Goodson sobre aprendizagem narrativa, que, ao desenvolvê-la com adultos, estamos considerando que as pessoas aprendem por inteiro, aprendem com suas próprias vidas e não somente com seus cérebros, pelo acúmulo de conteúdos. O convite a narrar é também um convite a aprender com a própria vida.

3 AS NARRATIVAS QUE COMPÕEM O ACERVO TRAJETÓRIAS DOCENTES

A distância entre interagir com outros onde eles estão e representá-los onde não estão, sempre imensa, mas não muito notada, de repente tornou-se extremamente visível. O que antes parecia apenas tecnicamente difícil – introduzir a vida “deles” em “nossos” livros – tornou-se delicado, em termos morais, políticos e até epistemológicos.

Clifford Geertz (2009, p. 171)

O acervo Trajetórias Docentes esteve localizado inicialmente na página do LABHOI-UFF (<http://www.labhoi.uff.br/acervo-trajetorias-docentes>), mas outra parte dele também pode ser visualizada no canal, no YouTube, da Rede Trajetórias Docentes (<https://www.youtube.com/@trajetoriasdocentes5225/featured>). No repositório do LABHOI há uma coletânea de narrativas docentes que vão desde narrativas autobiográficas escritas até entrevistas de história oral de vida, entrevistas temáticas e entrevistas públicas. As narrativas autobiográficas escritas apresentadas no acervo podem ser entendidas enquanto memoriais formativos ou “escritas de si”, partindo do pressuposto de que tais narrativas “possibilitam entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação” (Souza, 2006, p. 87). Diferentemente de outros gêneros de narrativas de si, Araújo e Passeggi (2013, p. 147) entendem que o memorial de formação “caracteriza-se por ser escrito, geralmente, durante o processo de formação inicial ou continuada, ser acompanhado por um professor orientador e concebido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ou Trabalho Final de Curso (TFC)”.

No acervo da Rede, as narrativas autobiográficas escritas atendem às características supracitadas, pois foram resultado de experiências tanto na formação inicial (por ocasião do PIBID e dos estágios de formação de professores) quanto na formação continuada (a partir de sua elaboração em atividades do Profhistória, do PIBID e de cursos como o Trajetórias Docentes).



As entrevistas de história oral são compreendidas como uma construção colaborativa em regime de coautoria, seguindo os preceitos de Alessandro Portelli (2016). Entende-se, pois, que o momento de sua elaboração é marcado pelo diálogo a partir de temas provocados pelo pesquisador, ou em momentos de livre fruição do narrador. Cabe destacar que, no caso da Rede, a entrevista vem sendo priorizada em sua lógica de livre escolha por aquilo que o narrador decide tornar público. Os roteiros utilizados possuem um mínimo de questões e formalidades possíveis, a fim de que os narradores se acomodem em suas cadeiras e apresentem suas motivações, visões, impressões e escolhas, sem preocupação com olhares inquisitoriais de quem os escuta a poucos metros de distância ou mediados pela impessoalidade de uma tela de computador. Não se busca o que escapa, o extraordinário, o furo jornalístico ou algo desse tipo: pelo contrário, acolhe-se a narrativa que o sujeito escolhe tornar pública.

Além desse formato de entrevista mais próxima, talvez até intimista, posto que conta apenas com poucos sujeitos envolvidos, o acervo também dispõe de entrevistas públicas, partilhadas num ambiente de acolhimento. Nelas, as premissas da história oral e seus pressupostos éticos, dialógicos e de pleno respeito pelo narrador são mantidos. No entanto, ao invés de somar poucas pessoas no momento da entrevista (que geralmente ocorre na casa ou no trabalho do narrador), a entrevista é pública, acontece em um espaço público acessível a quem desejar acompanhar o momento. Como na história oral, ela tem um interlocutor que lança questões, ou faz pequenas mediações, mas a ênfase segue voltada à livre narrativa das histórias de vida e à carreira dos docentes ouvidos.

Em algumas ocasiões, a palavra também pode ser facultada aos que acompanham o momento, para que lancem questões, comentários e até compartilhem suas impressões, sem que isso comprometa o espaço dedicado ao narrador convidado. É importante salientar que, assim como na entrevista de história oral, o interesse não se desloca para deslizos ou qualquer tipo de memória induzida ou manipulada, priorizando a escolha do sujeito em todos esses formatos. O mais valioso é aquilo que o narrador deseja e escolhe publicizar, sem que se tenha a pretensão, talvez ingênua, de alcançar a totalidade ou, ainda, acionar fatos precisos, que ocorreram há anos. Compreende-se e se respeita as múltiplas temporalidades ali presentes, utilizando-as, inclusive, para viabilizar eventuais análises. Não se toma o passado tal qual ocorreu, mas a partir do filtro das temporalidades que o afetaram, ressignificaram e até alteraram suas percepções (Delgado, 2010).

Para além das escolhas do que tornar público, ao trazer o narrador para a expressão oral de suas memórias junto a um grupo, também se cria espaços de



acolhimento e afeto. Em meio à acolhida e ao bem-estar de compor junto com aquele grupo, a narrativa flui, o sujeito se entrega àquele momento e generosamente divide, compartilha suas experiências e sua vida com aquele coletivo que o recebe. Aos poucos, o sentido do narrar vai se tornando mais claro, como afirmam Almeida, Ramôa e Andrade (2023, p. 32):

Narrar em primeira pessoa, para si mesmo e para compartilhar com os pares, contar a própria história assumindo-a como um capítulo da história de sua disciplina escolar – compreendida como um saber, mas também uma comunidade –, talvez estejamos próximos, em muitos sentidos, daquele sentido em que Walter Benjamin se referia ao narrador como um contador de histórias, que passa adiante elementos presentes na memória coletiva a partir da compreensão de que narrativas transportam experiências.

Não parece excessivo destacar que, embora a história oral e a história pública se aproximem, como no caso da entrevista pública, é fundamental compreender que elas não são sinônimas. Sobre tal discussão, Juniele Rabêlo de Almeida (2018, p. 103) afirma que

a história pública não estaria apenas na disponibilização de conteúdos e produtos, resultantes do trabalho de história oral, sem refletir sobre o processo que ultrapassa a relação dialógica entre entrevistador e entrevistado; mas, fundamentalmente, da compreensão das dimensões públicas dos procedimentos metodológicos escolhidos – observação processual do “como fazer e como pensar a história oral” e os debates públicos decorrentes.

Uma e outra, história oral e história pública, se aproximam, pois, por diversas vezes, trazem em comum a lida e o cuidado com as coletividades, os temas sensíveis, a preocupação com a comunidade e, sobretudo, com o fazer compartilhado, com a coautoria, com o rompimento dos limites frios de alguns conhecimentos acadêmicos desprovidos de vida e engajamento. Seguindo nesta direção, o acervo constituído e a própria Rede Trajetórias Docentes expressam outros rompimentos de barreiras, uma vez que promovem e estimulam a aproximação entre a pesquisa histórica (com a forte presença da história oral e história pública, como se viu) e a pesquisa biográfica (Abrahão, 2004), resultante da construção das escritas de si e das demais formas de narrativas autobiográficas utilizadas na formação docente. Densos campos de pesquisa estão presentes no acervo e colaboram mutuamente em prol da articulação das narrativas e de seus usos enquanto fontes históricas e material formativo.

Atualmente, encontram-se disponibilizadas em modo digital na página do LABHOI-UFF cerca de quarenta narrativas autobiográficas escritas e dezesseis entrevistas de



história oral e de história pública. Além do material em áudio e vídeo, o YouTube da Rede conta hoje com mais de 20h de entrevistas em diferentes formatos, que vão desde entrevistas gravadas remotamente (principalmente durante a pandemia), passando por entrevistas de história oral (que ocorreram geralmente nas residências dos narradores), até entrevistas públicas em contextos de acolhimento, na universidade ou em outros ambientes. Além disso, membros da Rede também possuem outros canais de compartilhamento de produtos resultantes de suas entrevistas. Exemplos disso são os canais de podcast disponíveis em plataformas de áudio, sob a gestão do professor Rogério Rosa, intitulados Profcast, e da professora Juniele Rabêlo de Almeida, denominado Educação Libertária em Trajetórias.

Por fim, cabe registrar duas coletâneas publicadas em modo digital e físico: a mais antiga é a *Trajatórias docentes: professores de História narram suas histórias na profissão*, organizada pelos Professores Everardo Paiva de Andrade e Marcos Pinheiro Barreto, a partir das narrativas de professores vinculados ao Profhistória na turma de 2016. Em 2022, foi publicada *Viver e/é contar histórias: narrativas autobiográficas de professores*, coletânea organizada por Everardo Andrade e Patrícia Teixeira de Sá, também com textos autobiográficos de professores de História inscritos no Profhistória, cuja síntese oral, sob a forma de entrega pública da produção escrita, encontra-se disponível em vídeo no canal do YouTube da Rede. Enquanto este texto vai sendo produzido, outras fontes vão se constituindo numa espiral de conhecimento profissional e de referências sobre a profissão, a escola, o ensino de História e a educação brasileira.

4 SABERES CIRCULARES E EXPERIÊNCIA COM PARTILHAS DE SI EM UM CÍRCULO DE PROFESSORES: O CURSO TRAJETÓRIAS DOCENTES

*Ela chegou, puxou a cadeira e esperou, esperou e esperou...
– Mas como assim? Nada me chega? – Pensou.
Sentada naquele círculo, percebeu que tudo só chegaria quando ela se pronunciasse, falasse, se expressasse, se posicionasse, narrasse.
Era preciso falar de si, do seu mundo, de suas vivências e atravessamentos, para que, a partir daí, o conhecimento fizesse sentido. Sem ela, sem sua vida e seus saberes, aquilo que qualquer outro lhe trouxesse poderia ser asséptico demais, inodoro demais, cinza demais.
Sabendo disso, ela assumiu a si, sua fala, seu mundo e trouxe ao grupo os saberes acumulados ao longo de anos no chão de tantas escolas, e que agora parecia ser indispensável para descobrir seu próprio espaço naquele coletivo.*

Autor/a do texto



A narrativa acima, embora ficcional, foi inspirada em cenas do vivido e trazida para iniciar essa reflexão acerca das possibilidades formativas de professores a partir das narrativas. Mais do que isso, para se referir também à impossibilidade de se formar “autenticamente”, com envolvimento e de modo engajado, sem levar em consideração os sujeitos envolvidos, suas vidas e suas experiências nas situações concretas de aprendizagem. Parece impossível, por outro lado, estabelecer essa discussão sem uma aproximação com as reflexões de Paulo Freire. Aliás, foi também a sua obra e as experimentações compartilhadas ao longo da sua vida que inspiraram as estratégias do curso Trajetórias Docentes.

Realizado entre abril e maio de 2023, o curso tinha por objetivo desenvolver uma experiência de formação de professores, vivendo diferentes etapas de vida e carreira, a partir das discussões sobre *saberes docentes* (Tardif, 2002), articuladas às noções de *aprendizagem e currículo narrativos* (Goodson, 2022), de *histórias de vida e carreira de professores* (Nóvoa, 1992) e de *escritas de si* (Souza, 2008). O conjunto de impressões e sensibilidades vividas durante o curso, além de compor parte da trajetória da professora que o mediou – oriunda da rede básica de educação, envolvida com os escritos sobre a história pública e história da educação no Brasil, interessada nos movimentos de educação popular dos anos 1960, enfim, professora sempre afetada pela obra freireana, pela aprendizagem circular e, mais recentemente, pela aprendizagem narrativa –, é a base sobre a qual se constituiu a presente seção. O relato da experiência que se segue é, também, nesse sentido, uma parte da sua própria autobiografia: um encontro de vidas, de “estórias” de vida, como destaca Ivor F. Goodson (2022), uma encruzilhada de experiências e de partilhas.

Partindo da proposta dos *círculos de cultura*, expressa em uma das primeiras produções de Freire (*Educação como prática da liberdade*, 1967), o curso propunha um aprendizado profissional a partir dos processos de escuta e compartilhamento de *saberes da experiência*, entendido como um conhecimento que inclui o que as pessoas trazem antes mesmo de qualquer imersão escolar. Para Freire, desconsiderar tais saberes é renunciar à realidade do sujeito, dos seus saberes prévios, da diversidade de origens que os conhecimentos possuem. Em espaços escolares e não escolares de aprendizagem, desde os anos 1950, Freire acumulou experiências com a aprendizagem circular, pautada no diálogo, nos saberes das comunidades, na escuta, na partilha e na aprendizagem em coletivos horizontais, protagonizados pelas próprias referências daqueles que viviam e aprendiam. No nordeste brasileiro, no Chile e em tantos outros lugares por onde esteve, ele ensinou/aprendeu pela escuta e pela fala compartilhada.



Essa é a inspiração do Curso – permitir que a formação emergja de tais princípios. Realizado no período pós-pandêmico, o planejamento foi pensado em formato híbrido e envolveu atividades síncronas e assíncronas. Tudo começou com a exibição de um vídeo de abertura, em sala de aula digital, seguido de indicações de leituras. Posteriormente, dois encontros síncronos por videoconferência iniciaram discussões acerca dos conceitos de história de vida, história oral, história pública, pesquisa biográfica e saberes docentes. Após o cumprimento dessas fases iniciais, cada participante deveria assistir e/ou ler narrativas de professores de História e refletir sobre elas, pensando em como elas lhes afetaram e se algo os fez pensar sobre suas próprias vidas, sobre as escolhas e experiências que os levaram até ali. A intenção era deflagrar uma discussão sobre a formação que fosse além do acúmulo de referências e autores. Era importante a sensibilização para, além de entender, sentir os princípios evocados por aquelas leituras.

Ocorreram em maio os encontros presenciais para articular impressões acerca das novas leituras propostas e também para compartilhar coletivamente, em círculo, as histórias de vida e carreira de cada um. Antes da etapa presencial, outra atividade havia sido proposta, a escrita de um breve memorial de formação. E embora o primeiro dia de atividades não estivesse ainda voltado para tal partilha, e sim para a reflexão sobre as narrativas dos docentes que leram ou ouviram, a todo tempo aqueles professores traziam à tona experiências que marcaram suas próprias trajetórias. Imersos em um curso sobre aprendizagens narrativas, buscando melhor compreender esse conceito, pouco a pouco evidenciava-se o fato de que todos estavam ali para algo mais do que uma apropriação conceitual: estavam vivendo, afinal, experimentando, experienciando aquilo que desejavam compreender. Naquele momento, era possível observar plenamente o *tateamento experimental*, premissa fundante da obra de Célestin Freinet, conforme discute Sampaio (1989).

O curso tinha uma programação bem definida e delimitada para cada dia, mas essa programação foi sendo adaptada, ajustada e reinventada à medida que o grupo pensava e agia junto, configurando, ao longo das semanas, uma *comunidade de aprendizagem*, no sentido de bell hooks (2017), ou um *círculo de cultura*, no mais intenso estilo freireano. Em uma das atividades do curso, a mediação solicitou que lessem e/ou escutassem as narrativas de outros professores, compartilhando a impressão de como iam sendo afetados. A proposta fez surgir muitas aproximações, e aguçou sensibilidades. Ao refletir sobre a trajetória da professora escolhida, Clara Thaís Andrade (2023) pondera que a visão sobre seu próprio fazer estava se alterando:



O relato de Camila me comove também para pensar em como é difícil confrontarmos a nossa própria história. Muitas vezes deixamos questões de lado ou as silenciamos, porém as experiências dentro da sala de aula como professora ou como aluna acabam revirando essas memórias e feridas da nossa trajetória. [...] Quando entramos na escola não nos dissociamos das nossas questões internas, das experiências e do mundo acelerado em que vivemos. Entramos por inteiro dentro da sala de aula, levamos nossos conhecimentos e experiências de vida e realizamos esse movimento tão bonito e transformador, mas desafiador e doloroso, por vezes, de compartilhar e trocar com nossos estudantes.

Reflexões como essa estiveram presentes não somente nas atividades escritas, mas, especialmente, nas partilhas em círculo. Olhando a distância, parece fundamental a configuração daquele grupo em dimensões reduzidas, com pouco mais de dez professores participando de todo o processo até o final, pois um grupo muito amplo talvez não permitisse assegurar a todos e todas o direito à fala, garantir a palavra, seu tempo e sua expressão. Esse é um princípio fundamental para a construção dos círculos de cultura, ou, mesmo, de forma mais ampla, de uma comunidade de aprendizagem, esses espaços de partilha, de engajamento, de prazer e de transgressões em relação aos modelos rígidos de escola e de academia, posto que, como afirma bell hooks (2013, p. 21),

o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse, à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula.

Munidos de suas próprias palavras, de suas ideias e memórias, os professores aprendem ao ouvirem os pares, entreolham-se e veem em cada um algo de si, ao mesmo tempo que falam de si e afetam um ao outro. *Causos* divertidos provocam o riso solto no coletivo; interdições na carreira de uma professora, por ser mulher, levam a narradora às lágrimas e promovem a partilha de sua dor, que se tornou também a dor de todos. Por isso mesmo são tão importantes os encontros presenciais, sempre que possível e viável, para que os integrantes do coletivo possam se ver por inteiro, não somente cabeças enquadradas em telas, mas corpos completos e complexos, que não se reduzem ou se restringem a falas e pensamentos. Trata-se de pensar esses corpos, como fazem Almeida, Ramôa e Andrade (2023, p. 29), ao abordarem uma entrevista pública realizada, pois “a integração do corpo ao trabalho de observação da narrativa (história oral) propiciou questionamentos sobre *o pensar, o sentir e o agir* deste sujeito histórico, em uma coprodução narrador/comunidade, em um exercício colaborativo durante a entrevista pública”.



As falas tecidas no coletivo transformavam o ambiente numa experiência narrativa única, para além do acúmulo de dados e informações. Como um espaço de sensibilização, era possível aos professores verem a si mesmos e ao outro não apenas como informantes ou depoentes convencionais, mas como pessoas dotadas de sentimentos e expressões faciais e corporais. Olhando o outro de corpo inteiro, cada um tinha a possibilidade de ver a si próprio de forma mais ampla e mais complexa, para além da razão e da fala, inclusive possibilitando ser mais generoso com sua própria trajetória, como expressou a professora Olívia Robba (2023):

O bom é saber que, apesar de tudo, de algumas experiências ruins, a minha trajetória é muito mais marcada pelo êxito, por momentos felizes, por profissionais competentes e oportunidades maravilhosas. Assim, eu reafirmo o amor pelo que faço, pela sala de aula e pelos meus alunos.

Durante o curso, os professores também foram convidados a narrar a si mesmos por escrito. No início, compartilharam muitas dúvidas: “Mas posso escrever em primeira pessoa?”; “Minhas memórias podem ser escritas de forma rimada?”; “Quantas páginas precisa ter?”; “Preciso seguir um estilo específico?”; “Tem questões para orientar a minha escrita?”; “O quão formal preciso ser?”. As dúvidas foram emergindo e a possibilidade de que a escrita fosse mais livre parecia, às vezes, assustadora. Interessante observar como a liberdade, em uma sociedade do controle, assusta e pode deixar os sujeitos imobilizados ou sem direção. Escolher, verbo e ação que podem ter sido pouco valorizados nas escolas – e também em universidades – de vidro (Rocha, 1995), não educam para a forma (para enformar) e para modelos rígidos, prévios e padronizados. Quando se propõe algo um pouco fora dos modelos consagrados, muitas vezes surge o receio de transitar para além do que já está bem sedimentado.

Mesmo em meio a essa sensação de incerteza, dúvidas e algum receio, os professores pareciam aceitar o desafio de construir suas narrativas autobiográficas: afinal, também estavam *engajados* (hooks, 2013) com as discussões sobre a aprendizagem narrativa e desejavam viver, experienciar uma prática que envolvia coragem, autocrítica e seleção. Sobre esse caminhar, Felipe Max Pereira (2023) apresentou um pouco do seu processo até chegar à escrita de si:

Quando a professora propôs essa atividade, fiquei pensando sobre ela por alguns dias... Como escrever sobre mim mesmo? No começo pareceu uma atividade difícil, mas com o passar do tempo fui anotando acontecimentos, pensamentos e lembranças no celular, que me ajudariam a guiar essa narrativa. Aqui estou eu finalmente. Meu nome é Felipe Max Candido Pereira, atualmente tenho 22 anos e estou no 9º período da Licenciatura em História.



É importante destacar, também, que, durante esse processo, discutia-se bastante sobre a memória pública, sobre aquilo que se deseja tornar público, sobre o quanto essas narrativas reviram corpos e mentes e trajetórias, mas também o quanto é preciso ter clareza de que elas devem revelar aquilo que se quer expor. Nesse sentido, a tão discutida autonomia do sujeito, defendida por Freire (2004), assume grande potência. É preciso olhar para trás e ao redor, para o ontem e o hoje, projetar-se também ao futuro, escolher o que expor e compreender a opção de guardar algo somente para si. Nesse exercício, assim como nas demais práticas de história pública (Santhiago, 2016), interessa menos o “furo” jornalístico do que aquilo que o sujeito escolhe e decide publicizar narrativamente, numa busca pela plena autoridade compartilhada.

No segundo dia do encontro presencial, cada um deveria apresentar ao grupo a experiência de olhar para a própria vida e compartilhar como isso reverberou em sua escrita, como se deixou afetar, destacando elementos que consideravam necessários para entender como se tornaram os professores (em formação, sempre em formação) que efetivamente são. No plano do curso, pensou-se que três horas seriam suficientes para esse exercício: ledô engano. As três horas sugeridas passaram ligeiro e foi preciso ultrapassar o tempo. À medida que um falava, um outro se conectava e pedia permissão para comentar, trazendo suas percepções sobre o vivido/narrado. O círculo prezava pelo direito à fala sem, contudo, cercear comentários, desde que respeitando as considerações do narrador da vez, apostando ao máximo no diálogo, na troca, na partilha de fato. Muitas infâncias, adolescências, dilemas, escolhas, caminhos iam sendo partilhados no correr das horas.

Ao rememorar agora o vivido, neste registro, é impossível não referenciar a discussão acerca do que pensa Alessandro Portelli sobre os procedimentos da história oral, sobretudo quando enfatiza que um dos maiores desafios do oralista é saber o momento preciso de desligar o gravador. Qual é o momento de parar? Como saber que o sujeito já trouxe tudo que desejava para aquele espaço? Ao mesmo tempo, como cumprir os tempos preestabelecidos para a situação, segundo a lógica social do tempo cronológico, marcado e estabelecido nas instituições? Afinal, não só a sala pode não estar à disposição o dia todo, como cada um tem suas próprias demandas e compromissos. Por fim, após muito riso, silêncio e, por vezes, choro, sentindo-se talvez mais próximos uns dos outros, foi preciso parar. Em um breve balanço final da experiência, as falas foram quase sempre na direção do afeto e da gratidão: nem sempre se tem, dentro da universidade pública, um espaço como esse. Não se trata apenas de



discutir um tema, um corpo de conceitos, um quadro teórico e metodológico, mas de acolher a vida que pulsa em cada um, professores e pesquisadores em formação – sempre em formação! –, pessoas que vivem a docência e a pesquisa e docentes e pesquisadores que vivem a vida. Como afirma António Nóvoa (1992), o eu professor e o eu pessoal apareciam imbricados, amalgamados, envolvidos sem limites precisos de separação.

Concluída a experiência, uma das cursistas comentou *off the record* com os colegas da turma: *Comprei até caderno novo para esse curso. Vim anotar tudo, todos os autores, os conceitos e seus usos. Saio daqui sem uma linha escrita e profundamente modificada. Me sinto menos culpada e imensamente grata.* Palavras aproximadas daquilo que a memória guarda, permitindo encerrar a tarde com o desejo de que continuar a pensar a formação docente, a fronteira entre a História e a Educação cheia de pessoas e de percursos, transbordando de emoções e sensibilidades, isto é, de vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não participa do escopo deste trabalho uma discussão mais detalhada das “possibilidades de análise” ou de “diálogo” com os materiais narrativos engendrados no contexto da Rede Trajetória Docentes, tampouco a construção de uma estratégia de avaliação da eficácia de sua utilização como dispositivo de formação, inicial ou continuada, de professores. Tal abordagem permanece no horizonte dos autores, seja na perspectiva goodsoniana de transformar estórias em histórias de vida, logo, de explorar os modos pelos quais *aprendizagens tribais* se convertem em *aprendizagens narrativas* mediante a contextualização e a colaboração entre estudantes e professores e/ou entre professores e pesquisadores; seja na linha de trabalho baseada em práticas de pedagogia narrativa, de José Contreras e colaboradores, segundo a qual a formação de professores se configura como espaço de indagação narrativa, mediante o acompanhamento do modo como são construídos e desenvolvidos um pensamento e um saber narrativo no contexto da construção dos saberes docentes.

De todo modo, trabalhar com abordagens *teoricometodológicas* que envolvem pessoas, em regime de coautoria, exige a construção de estreitamentos e relações, envolvimento e laços de confiança e afeto. Seguindo em direção contrária ao pretensão distanciamento objetivo da pesquisa, o presente texto assume o risco (alto) de conceber as pessoas – interlocutores ou intercessores – enquanto sujeitos da pesquisa e dos projetos, dos cursos e dos momentos vividos. A subjetividade está presente, sem a



pretensão de analisar – talvez principalmente isto, analisar! – friamente gestos, expressões, palavras fora de contextos. Em um trabalho com histórias de vida – tratadas como fontes para pesquisa histórica ou elemento para a formação (inicial, continuada) de professores – é importante que haja o entendimento da indissociabilidade entre ensino e aprendizagem, entre materiais teóricos e empíricos, mas também entre História e Educação como binômio que não se separa, que necessita das pessoas para ter ou fazer sentido.

Com a Rede Trajetórias Docentes e a publicização de seu acervo, com os cursos de formação que assumem um compromisso com a autoridade compartilhada, busca-se estabelecer parcerias e aproximações no sentido de potencializar os trabalhos coletivos e cooperativos. Não cabe pensar as vidas dos professores como se se tratasse de observar minúsculos seres sob lentes microscópicas. Seguindo na direção e na luta por uma história cada vez mais pública, a presente pesquisa procura construir, a passos modestos, comunidades de aprendizagem, pesquisadores e professores que pensam e agem juntos. O acervo disponibilizado pela Rede busca considerar a particularidade do sujeito e nela enxergar a diversidade e as aproximações com os coletivos nos quais estão inseridos. Na esperança de que algum dia a pluralidade de vozes que compõe a educação possa ser ouvida e levada em consideração tendo em vista a construção de políticas públicas que defendam a dignidade das condições de vida e trabalho dos docentes.

Cada uma das seções acima, por fim, procurou caminhos para conectar as múltiplas histórias presentes na frente que vai se formando em torno da Rede Trajetórias Docentes. Trata-se de uma pluralidade desafiadora, posto que polifônica, constituinte de um movimento que transita entre a história oral e a história pública, as escritas de si e as de narrativas autobiográficas, num giro que traz em comum a defesa da aprendizagem narrativa. Esta tem como premissa básica o fato de que aprender é próprio da vida. O grupo heterodoxo que se apresenta no entorno da Rede não estabelece restrições de acesso a uma determinada abordagem metodológica. Ao contrário, considera que é preciso expandir os diálogos entre aqueles que acreditam numa História e numa Educação pautadas pelas múltiplas vozes e expressões daqueles que, no cotidiano de suas vidas, efetivamente vivem e fazem a docência.



REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *A aventura (auto)biográfica, teoria e empiria*. Porto Alegre: Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; RAMÔA, Hosana do Nascimento; ANDRADE, Everardo Paiva de. História pública, corpo e oralidade. *História Oral*, v. 26, n. 1, p. 25-42, jan./abr. 2023.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. O que a história oral ensina à história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane T. *Que história pública queremos?* São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- ANDRADE, Everardo Paiva de; BARRETO, Marcos P. (Orgs.). *Trajетórias docentes: professores de História narram suas histórias na profissão*. Rio de Janeiro: E-papers, 2019.
- ANDRADE, Everardo Paiva de; SÁ, Patrícia T. (Orgs.). *Viver e/é contar histórias: narrativas autobiográficas de professores*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.
- APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antonio Flavio B.; TADEU, Tomaz (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARAÚJO; PASSEGGI, Maria da Conceição. In: PASSEGGI, Maria da Conceição. *Narrativas (auto)biográficas e formação docente*. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1)
- DELGADO, Lucilia de Almeida N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de A.; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- GOODSON, Ivor F. *A vida e o trabalho docente*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo, narrativa pessoal e futuro social*. São Paulo: Editora Unicamp, 2019.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2017.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- LARROSA, Jorge. *Tremores, escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- NÓVOA, António (Org.). *Vida de Professores*. Porto: Porto Editora, 2007.



PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *Ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.

SAMPAIO, Rosa Maria W. F. *Freinet: Evolução Histórica e Atualidades*. São Paulo: Scipione, 1989.

SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SOUZA, Elizeu C. de. *O conhecimento de si, estágio e narrativas de formação de professores*. Salvador: Editora UNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FONTES

ANDRADE, Clara Thaís. *Memorial de formação*. [Rio de Janeiro]. 2023.

ROBBA, Olívia. *Memorial de formação*. [Rio de Janeiro]. 2023.

PEREIRA, Felipe Max. *Memorial de formação*. [Rio de Janeiro]. 2023.

